

CENTRO UNIVERSITÁRIO - UNIFAAT

CURSO DE ARTES VISUAIS

DOUGLAS PEREIRA DA SILVA

**O ORIGAMI COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NA ARTE
EDUCAÇÃO**

ATIBAIA/SP

2018

DOUGLAS PEREIRA DA SILVA

**O ORIGAMI COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NA ARTE
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção da licenciatura no Curso de Artes Visuais, do Centro Universitário - UNIFAAT, sob orientação da Prof. (a) Ms. Gloria Aparecida Pereira de Oliveira.

ATIBAIA/SP

2018

CURSO DE GRADUAÇÃO “LICENCIATURA ARTES VISUAIS”

Termo de aprovação

DOUGLAS PEREIRA DA SILVA

Título: “O Origami como ferramenta didática na arte educação”.

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação “Licenciatura Artes Visuais”, para apreciação do(a) professor(a) orientador(a) Gloria Aparecida Pereira de Oliveira, que após sua análise considerou o Trabalho _____, com Conceito _____.

Atibaia, SP, _____ de _____ de 2018.

Prof^(a)) Me. Gloria Aparecida Pereira de Oliveira.

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me consideraram um artista e acreditaram nas minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser um companheiro inseparável, aos meus pais Paulo e Lourdes por sempre me apoiarem, a minha orientadora pela paciência e confiança, a todos os professores que durante esses quatro anos foram referências para mim, aos meus alunos que me deram a oportunidade de participar ao menos uma vez em suas vidas, e a todos que contribuíram de forma positiva nessa caminhada para que eu conseguisse realizar esse trabalho.

*“Não tenho papel cifrado que rege os desejos dos homens, mas tenho a folha que se torna meu veleiro onde viajo nos mares da imaginação, me chamo criança”
(O Autor).*

RESUMO

No espaço escolar o professor é o principal mediador de conhecimento, e por isso é preciso que o mesmo conheça um bom repertório de recursos pedagógicos que possibilite aliar teoria a prática, e o origami é um destes recursos. O objetivo do estudo foi relatar aspectos que envolvem a didática e aplicação do origami como ferramenta de expressão artística, ou sendo uma base para a mesma. O método utilizado para elaboração do mesmo foi o relato de experiência, que descreveu o trabalho com origami em aulas e oficinas de formação que tiveram como eixo norteador aliar a teoria e a prática de forma lúdica e criativa, utilizando o origami como suporte para levar ao educando os conhecimentos trabalhados. Como resultado foi ressaltada a importância do conhecimento de ferramentas didáticas para transmissão de conteúdo, e do origami como possibilidade dessa tarefa na área de arte educação.

Palavras-Chave: Origami. Arte educação. Ensino.

ABSTRACT

In the scholarship environment the teacher is the main knowledge mediator. For this reason it is necessary that the same knows a good repertory of pedagogical resources that enables combined theory and practical. The origami is one of this resources. The main aim of this study is to report aspects that involve teaching methods and application of Origami as an artistic expression tool or as a base to it. The method used to elaborate it was through reports of experiences which described the Origami work during classes and workshops that had as guiding pillars the theory and practical in a playful and creative manner using the Origami as support to take the students to the knowledge worked on these process. As a result, it was highlighted the importance of knowing teaching methods tools to pass on contents as well the Origami as a possibility of this task in educational art.

Key-words: Origami. Art education. Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grou	21
Figura 2 – Origami Tsuru	22
Figura 3 – Monumento das crianças à paz	23
Figura 4 – Mural de origamis	26
Figura 5 – Hero’s Horse	27
Figura 6 – Luminárias de origami	28
Figura 7 – Come come	31
Figura 8 – O Barco a vela	32
Figura 9 – O Cisne	32
Figura 10 – Diagrama do Kirigami flor	34
Figura 11 – Flapping Bird	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O TRABALHO COM ORIGAMI	12
1.1 O ensino de arte na educação básica	15
1.1.1 A Metodologia no ensino da arte educação	16
1.2 Breve história do papel e do origami	19
1.3 Significados culturais do origami	20
1.4 A estética artística do origami e seus artistas contemporâneos	25
2 RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ORIGAMI APLICADO EM SALA DE AULA E OFICINAS	30
2.1 Oficinas de Origami	30
2.1.1 O primeiro origami – O Come come	35
2.1.2 O Barco a vela	36
2.1.3 O Cisne	37
2.1.4 Reflexões sobre as oficinas ministradas	38
2.2 A experiência em sala de aula	38
2.3 A experiência em uma oficina para professores	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

Através de um simples pedaço de papel é possível ilustrar uma ideia de forma criativa e prática, seja um desenho, uma palavra ou dobras que iram revelar ao espectador a informação a ser passada. No âmbito escolar, o professor é o principal mediador de conhecimento para o educando e por isso é preciso que o mesmo tenha como auxílio recursos pedagógicos que facilitem e aliem o conteúdo teórico com o prático, e o origami pode ser esse recurso didático.

Não me recordo o ano em que estava na escola quando aprendi a fazer um barquinho de papel, mas me lembro muito bem da satisfação de ter feito aquilo, talvez tenha sido apenas uma emoção de felicidade momentânea de criança ao ver algo novo, mas se foi isso, ainda me considero criança ao ponto de me sentir bem quando aprendo um origami diferente, seja por mera estética ou usualidade. Atualmente em algumas aulas que tenho a oportunidade de ministrar, procuro levar a prática de dobradura aos participantes, desde a dobra básica até intermediária onde é possível perceber a dificuldade de alguns alunos, seja no ato de dobrar ou na visualização do que virá ser aquele papel dobrado. Foram ambas as situações que me instigaram a realizar essa pesquisa, para tentar descobrir até onde a arte do origami pode de alguma forma auxiliar ou levar o mínimo de conhecimento e prazer a um indivíduo. É através da Arte e a sua importância na educação básica que se pode formar um ser humano com capacidade de formular e responder com um pensamento crítico sobre o que o cerca na sociedade atual, que é movida diariamente por meios midiáticos afim de manipular a opinião, ideia, decisão e gosto do sujeito.

A arte educação teve sua implantação nas escolas somente em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394/96 como disciplina obrigatória, por isso as modificações acontecem constantemente, mas o seu propósito permanece o de proporcionar ao indivíduo, o conhecimento de diversas culturas através de movimentos ou expressões artísticas que aconteceram e que ainda ocorrem pelo mundo, além de técnicas e linguagens que possam expressar seus sentimentos, vontades, ou ideias (PCN, 1998).

O trabalho com origami não consiste apenas no ato de dobrar papel, mas também como forma de desenvolver a criatividade, a coordenação motora, o lúdico, a geometria, além do conhecimento de uma nova cultura e o estímulo ao raciocinar sobre o que pode ser criado a partir dessas práticas (GENOVA, 2009).

Apresento com este trabalho a contribuição do origami no ensino de artes na educação básica, com o objetivo de relatar aspectos que envolvem a didática e aplicação do origami como ferramenta de expressão artística, ou sendo uma base para a mesma.

O estudo foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e relato de experiência, onde temos a pesquisa bibliográfica sendo um levantamento literário acerca de um determinado assunto, tendo como fonte livros, sites, jornais, revistas, entre outros que sua procedência já tenha se tornado pública. Porém não se trata de uma repetição daquilo que já se foi publicado, a pesquisa bibliográfica possibilita um novo olhar sobre o tema, podendo levar a novas conclusões e inovações (MARCONI; LAKATOS, 2007). Já o relato de experiência é a descrição de uma vivência particular onde se obteve informações que poderão gerar reflexões sobre aquilo vivenciado, o relato possui considerações e ponderações a partir da prática relacionada ao objeto de estudo, podendo trazer contribuições para a área em que se atua (LOPES, 2012).

A monografia está estruturada em dois capítulos: no primeiro capítulo abordo as bases teóricas sobre o ensino de artes na educação básica, a história da matéria prima do origami, seus principais contribuintes para essa arte e suas vertentes contemporâneas. O segundo capítulo se trata de um relato de experiência onde alinho conceitos teóricos com a minha prática em sala de aula e oficinas de arte. E por fim, apresento as considerações finais do estudo.

1 ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O TRABALHO COM ORIGAMI

Definir de forma objetiva o que é arte é algo complicado, mas entendê-la se torna possível, devido às suas características aparentes e que muitas vezes passa despercebida, pois a rotina já consumiu a curiosidade do olhar, mas ela está presente em nosso cotidiano desde um simples relógio, a um quadro pintado por um artista, visto que ambos foram pensados, planejados e produzidos, por indivíduos que estudaram e aplicaram suas noções de arte, sendo assim a arte é mutável devido às influências de uma época, pessoa, idade, cultura ou gosto, e se torna expressiva através de várias linguagens seja pela estética visual, sonora, escrita, ou corporal, levando ao contemplador variadas emoções, pensamentos e sensações.

As obras de arte expressam um pensamento, uma visão do mundo e provocam uma forma de inquietação no observador, uma sensação especial, uma vontade de contemplar, uma admiração emocionada ou uma comunicação com a sensibilidade do artista. A este conjunto de sensações chamamos de experiência estética. (OLIVEIRA; GARCEZ, 2001, p. 11).

A experiência estética atribuída a um origami pode ter suas variadas significações, pois cada ser humano possui uma característica subjetiva diferente do outro, e esse olhar distinto tem como base as referências de conhecimento de cada um, seja pela cultura ou pelo social. Porém o ato de montagem de um origami leva ao indivíduo uma prática que utilizamos bem antes da própria invenção de sua matéria prima que é o papel, o ato de dobrar. Pode-se dizer que a dobra surgiu com o ser humano se levarmos em consideração que o próprio corpo se articula para fazer determinada atividade, no dia a dia desde a descoberta de materiais que podem ser dobrados esse ato nos ajuda a resolver diversas situações, seja a dobra de um guardanapo, de uma roupa, ou até mesmo na abertura de um guarda-chuva. Por mais que essa prática de dobrar diferentes tipos de materiais esteja no hábito da sociedade, poucas são as vezes que esse conteúdo é trabalhado ou estimulado em sala de aula de uma maneira que leve ao educando o ato de criar essa dobra ao

invés de apenas utilizá-la em objetos prontos que encontramos no dia a dia, tendo isso em vista o origami se mostra como uma ferramenta de trabalho que pode ser utilizada em aula por diversas matérias dependendo do conteúdo a ser passado, pois possui características relevantes ao ensino, seja no ato de dobrar, na sua estética, na geometrização ou história (OLIVEIRA, GERCEZ, 2001; ASCHENBACH, FAZENDA, ELIAS, 2009).

Como parte integrante da arte-educação, a dobradura pode ser classificada como um recurso que concorre para a interdisciplinaridade dentro do currículo escolar, uma vez que através dela outras atividades podem ser estimuladas, tais como: desenhos, pinturas, colagens, recortes, dramatizações, criação de histórias da literatura etc. (ASCHENBACH, FAZENDA, ELIAS, 2009, p.11).

A interdisciplinaridade se torna importante no ato de educar, pois pode ser compreendida como uma troca de conhecimentos entre as disciplinas, porém em um âmbito macroscópico onde os conteúdos se interagem, pode-se dizer que é uma manifestação holística. Em sua prática é importante salientar a intenção consciente, clara e objetiva de um projeto, para que se aja o dialogo comum entre os indivíduos que fazem parte, e nunca tratar um fato ou solução como isolado, mas sim uma consequência da relação entre muitos outros (FAZENDA, 2001).

A interdisciplinaridade perpassa todos os elementos do conhecimento, pressupondo a integração entre eles. Porém, é errado concluir que ela é só isso. A interdisciplinaridade está marcada por um movimento ininterrupto, criando ou recriando outros pontos para a discussão. (FAZENDA, 2001, p.34).

Para que o educador consiga trabalhar isso com o educando é importante que ele perceba as diversas possibilidades que podem ser exploradas a partir do origami, e não enxergar a dobra como sendo apenas linhas e ângulos, é entender que o objeto-dobradura possui a sua ação no ambiente.

A criança nos anos iniciais da escola precisa ser estimulada através de exercícios e atividades que trabalhem o seu desenvolvimento físico, sócio afetivo e cognitivo, baseado nesse fundamento o origami pode ser utilizado como recurso didático, mas de maneira lúdica, tendo como proposito e valia o ato de confeccionar a dobra, ou seja, o processo será mais importante que o

produto final, é nesse processo que o educador colocará em prática ações que levem ao aluno conhecimentos diversificados como por exemplo: uma lenda, uma cantiga, formas geométricas, ruídos e movimentos, tendo a intenção de provocar uma desinibição na criança trazendo ela ao ato participativo, com isso em uma outra ocasião quando a criança olhar para uma dobra desencadeará nela a vontade de participar da atividade. Antes dessas etapas é importante deixar o educando se familiarizar com o material a ser utilizado, para que o mesmo tenha ciência do limite e das características principais do que se tem em mãos (ASCHENBACH, FAZENDA, ELIAS, 2009).

O origami quando sugerido como atividade para a criança, deve seguir um processo livre, mas ao mesmo tempo orientado, ou seja, instruir a manipulação do papel aos poucos a fim de deixar um espaço para que a criança se habitue ao material, para que em seguida possa expressar através dele. O meio em que vivemos, junto de alguns hábitos do cotidiano contribui com o desenvolvimento sensório-motor da criança, sendo através da dobra de um guardanapo, de uma peça de roupa, ou mesmo o ato de abrir um livro. Com isso em vista, o origami colocado como atividade cotidiana auxiliará no desenvolvimento da coordenação motora do indivíduo “[...] A manipulação do papel numa brincadeira despreziosa conduz a estimulação das funções psicomotoras, contribuindo por excelência para o desenvolvimento da coordenação motora fina” (ASCHENBACH, FAZENDA, ELIAS, 2009, p.48).

No aprendizado sobre origami é de grande valia a inserção do lúdico nos símbolos que se formam através das dobras e isso não acontece apenas no término da construção do mesmo, mas sim em seu desenvolvimento, as histórias, o faz de conta, são elementos que ajudam a criança a compreender e assimilar o mundo real que o cerca. Narrar uma história ou cantar uma música enquanto se dobra ajuda a memorizar etapas, transformar um papel grande em um pequeno ajuda a entender proporção e tamanho, dobrar um quadrado em sua diagonal transformando-o em um triângulo ajuda no entendimento de formas geométricas, deixar o papel com os dois lados iguais ajuda a compreender o que é simetria. Isso tudo se torna mais fácil de entender quando transmitido de maneira lúdica, afinal o universo particular que existe dentro da criança é cheio de necessidades afetivas e intelectuais que a seriedade do mundo adulto não a satisfaz (ASCHENBACH, FAZENDA, ELIAS,

2009). “[...] Valorizar o lúdico nos processos de aprendizagem significa, entre outras coisas, considerá-lo na perspectiva das crianças. Para elas, apenas o que é lúdico faz sentido” (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2007, p. 16).

O lúdico, em sua perspectiva simbólica, significa que as atividades são motivadas e históricas. Há uma relação entre a pessoa que faz e aquilo que é feito ou pensado. Quando brinca de casinha, por exemplo, a criança atribui sentido aos objetos que utiliza para montar os cenários, simular pessoas e acontecimentos. Essas narrativas fazem sentido para ela, pois são uma projeção de seus desejos, sentimentos e valores, expressando suas possibilidades cognitivas, seus modos de assimilar ou incorporar o mundo, a cultura em que vive. Dessa maneira, as crianças expressam suas intuições (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2007, p. 20).

O origami, a arte, o lúdico, e a criatividade são objetos, disciplinas e ações que conversam muito bem entre si, os processos criativos não se limitam somente ao campo da arte, porém é nela que se encontra uma liberdade de ação intelectual e emocional muito ampla, onde o educando pode se expressar de variadas formas, porém, por mais que a natureza criativa do indivíduo aja de maneira natural é importante que o educador estimule tal ato, não colocando limites para imaginação, a força criadora da criança não deve ser inibida, mas sim estimulada com atividades e recursos lúdicos. O tópico seguinte aborda a importância dessas ideias no campo da arte educação.

1.1 O ensino de arte na educação básica

O ensino de arte na educação básica se faz presente nas escolas, a primeira lei que tivemos no Brasil sobre educação foi em 1961 a chamada Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que regulamenta o ensino no Brasil. Tal lei foi alterada somente em 1971 com o objetivo de incluir o ensino de arte na escola, porém foi denominada como “Educação Artística” e não pertencia a grade de disciplinas, mas apenas como atividade educativa, foi somente em 1996 com a lei 9394/96 que arte se torna uma disciplina obrigatória nas escolas públicas e privadas (PCN, 1998).

Com a Lei no 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e a arte é considerada obrigatória na educação básica: ‘O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da

educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos' (PCN, 1998, p. 28).

Assim o início da sua aplicação até os dias atuais, o ensino de arte vem sofrendo alterações sejam por parte de questionamentos sobre a didática ou sua necessidade, enquanto componente curricular, ou seja, sua utilidade.

1.1.1 A Metodologia no ensino da arte educação

O modo de ensinar arte tiveram mudanças importantes principalmente ao longo do século XX. A primeira pedagogia utilizada foi a chamada Tradicionalista, onde se prezava métodos de reprodução repetitiva, que valorizavam o traço o contorno e a imitação de obras que vinham de fora do país, ou seja, um aluno passivo que só realizava cópia do assunto passado pelo professor. Tinha como objetivo exercitar o olhar, a mão, o intelecto, a memorização e a moral, pois o mais importante era o produto final. A partir de 1930 surge a “pedagogia nova”, porém a sua difusão só ocorre em meados dos anos 50/60 com as escolas experimentais onde o aluno começa a ser visto como indivíduo participativo, que possui uma livre expressão criativa, tendo maior relevância o processo de trabalho e não somente o produto acabado. E em 1960/1970 a “pedagogia Tecnicista” aparece colocando o aluno e o professor como elementos secundários, pois sua principal base é o sistema técnico de organização da aula e do curso, fazendo uso de recursos tecnológicos para enaltecer a “evolução” do ensino, e materiais diversificados para aulas práticas, mas sempre amparado de livros didáticos com formulas já experimentadas, que não colocam em discussão a qualidade do mesmo. (FERRAZ, 1999)

Atualmente muitas dessas concepções e pedagogias estão presentes no ambiente educacional onde o ensino de arte se torna uma área do conhecimento que não se deve trabalhar somente o indivíduo ou seu produto, mas todo o meio social e cultural que o cerca (ZAGONEL, 2008.).

Propõe-se um processo contínuo de aprendizagem sustentado pelo fazer e pela criação, prática considerada essencial para que o ensino seja efetivo e aprofundado. Na sociedade atual, o indivíduo não se submete apenas a uma posição passiva de observador dos fatos. Ele

reivindica sua participação, quer dar opinião, fazer escolhas, interagir com o meio (ZAGONEL, 2008, p. 78).

A Arte não pode ser tratada de forma ímpar, ou singular, pois ela é aplicada em vários seguimentos da sociedade, principalmente no sistema capitalista onde a mídia e os meios de comunicação exploram tão bem o conteúdo artístico para torná-lo produto.

Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada (BARBOSA, 1989).

Por isso a disciplina de Arte se torna tão importante dentro do currículo escolar, pois leva ao educando uma visão ampla do que o cerca e como pode se desenvolver e expressar dentro dele.

Arte, na escola, é a oportunidade do aluno explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos. O ensino da arte propicia meios de conhecer, apresentar, interpretar, simbolizar e metaforizar em um contexto de apreciação estética e de valorização cultural (PIMENTEL, 2004, apud ZAGONEL, 2008, p.37).

Se arte é expressão, isso não ocorre apenas na sala de aula, desde a primeira manifestação artística feita pelo homem, vem se utilizando cores, formas, materiais, espaços, movimento entre outros elementos, com a intenção de transmitir uma ideia, ou dar sentido a algo, e isso ocorre no mundo inteiro, por isso nem sempre se compreende uma obra que foi criada a partir de uma outro povoado, pois muitas das vezes não temos o conhecimento suficiente sobre aquela cultura para entende-la. Sendo assim se torna fundamental levar o aprendizado multicultural para dentro e fora da sala de aula, para que o sujeito quebre fronteiras entre o seu particular e o mundo que habita. “[...] A arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber[...].” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p.12).

A Arte educação também é responsável por educar o olhar, o meio em que vivemos é repleto de informações que muitas vezes se tornam banais ou desinteressantes devido a um olhar desatento, desinformado ou habituado a

rotina. Por isso se torna importante saber ver e observar, ver é basicamente conhecer, é perceber através da visão algo que está ao redor estando relacionado com as próprias vivências ou experiências, e observar é se atentar aos detalhes, é pesquisar as particularidades e subjetividades que algo pode ter é olhar de maneiras diferentes a mesma coisa. “[...] Uma educação do ver, do observar, significa desvelar as nuances e características do próprio cotidiano [...]” (FERRAZ; FUSARI, 2010, p.76).

É preciso estudar elementos de visualidade para que se possa entendê-los e a partir disso gerar combinações, sejam elas estéticas artísticas ou históricas. O educador sabendo levar ao educando essa incitação de ver e observar estará formando um sujeito capaz de investigar detalhes e particularidades que o ajudaram a entender criticamente o meio em que vive além de estimular o seu campo de criatividade (FERRAZ; FUSARI, 2010).

[...] é necessário vivenciar atividades práticas, nas quais se possa lidar diretamente com a linguagem visual, para saber fazer, expressar, comunicar, enfim, pensar visualmente. Desta forma, poderemos entender melhor os nossos próprios trabalhos (nossa linguagem) e a dos outros autores, artistas em variados contextos comunicacionais e ao longo da história da humanidade (FERRAZ; FUSARI, 2010, p.92).

Nesse sentido, o ensino de arte na educação básica assume uma importante contribuição para o ser humano, pois o ajuda a desenvolver o seu potencial criativo que durante toda a sua vida será utilizado para resolver situações, problemas internos e externos, ou mesmo para o seu convívio em sociedade.

A expressão criadora da criança nada mais é que a atividade da imaginação sendo ao mesmo tempo reflexo da realidade, portanto de um imaginário social que o cerca. Estimular a criação é prover o indivíduo de fontes de linguagens, de compreensão de si e do social – impregnado de realidades imaginadas e vividas que o cercam. É incentivar a releitura do mundo que se compartilha no imaginário social. A expressão criadora infantil também se constitui como elemento que articula a percepção, o pensamento, e permite-lhes introduzir nas poéticas ou escrituras diversificadas em que se estabelecem o social e o contemporâneo (VASCONCELOS, 2001 apud ZAGONEL, 2008, p.85).

Alguns elementos didáticos podem ser utilizados para levar ao educando esse saber estético, artístico, histórico e criativo na arte educação,

pode-se utilizar o origami como instrumento de aprendizagem em sala de aula, um origami já finalizado pode instigar o observador a tentar recriá-lo ou desmontá-lo para saber como foi feito o seu processo de construção, ou levar em sua estética alguns símbolos que podem vir a ser estudado com mais profundidade, ou até mesmo uma história, um conto, uma lenda associada ao mesmo. No tópico seguinte aborda-se o surgimento do origami e a sua importância em um âmbito cultural.

1.2 Breve história do papel e do origami

Na história do papel, o mesmo é muito associado à escrita, pois até a descoberta de sua fabricação, os suportes que eram utilizados para realizar registros possuíam um caráter muito rudimentar comparado com o que temos atualmente, “[...] na Índia por exemplo usavam-se folhas de palmeiras; os esquimós utilizavam ossos de baleia e dentes de foca; na China conchas, carapaças de tartaruga, bambu e posteriormente a seda serviram de suporte” (TOMMASI; MINUZZO, 2010, p. 20).

Foi somente no século II d.C. na China que um homem chamado T'sai Lao ao tentar criar um material que ocupasse o lugar da seda como suporte de escrita, inventa o papel, através de uma mistura de cascas de árvore, panos e redes de pesca. Tendo esse conhecimento em mãos os chineses o guardaram durante séculos em segredo, pois se comercializava a preços altíssimos com outros países. Mas no século VI devido aos monges que peregrinavam para vários locais, o conhecimento da fabricação do papel chega ao Japão e um século depois aos ouvidos dos árabes, e somente no século XII na Europa. A qualidade do papel também era importante e a China e o Japão lideravam esse quesito, pois desde os seus primeiros experimentos já era possível realizar dobras. O valor monetário do papel também era um fator importante que barrou durante um tempo a sua distribuição para toda uma sociedade, sendo assim apenas pessoas com capital o obtinham, mas as técnicas de fabricação evoluíram barateando o papel, e assim possibilitando o uso comum para a população. É no Japão que se populariza o ato de dobrar papel, e essa arte começa a ser denominada de Origami, se traduzirmos “ori” significa dobrar e “kami” papel, a princípio o origami foi utilizado com caráter simbólico nos rituais

das cerimônias shintoístas que é uma das principais religiões do Japão, e posteriormente ganhou espaço com as classes populares onde os pais faziam origamis para os filhos sobre itens do cotidiano tais como: barcos, bonecas, capacetes de samurai, entre outros (GENOVA, 2001).

A arte do origami foi sendo passada de pai para filho e sem a preocupação de se fazer um registro das técnicas e figuras formadas com o papel, com isso não se sabe ao certo quem foi o criador de vários origamis que temos até hoje em dia, mas sem dúvida a prática do origami é uma das heranças mais antigas do Japão. No século VI quando o estado e religião eram um só, os origamistas que são os praticantes dessa arte, misturavam sua técnica com a do Kirigami, que diferente do origami puro que só possui dobras esse inclui o recorte, com esses procedimentos eram formados símbolos para as cerimônias religiosas. (TOMMASI; MINUZZI, 2010).

A técnica foi crescendo culturalmente no Japão e disseminada para outros locais do mundo, onde teve praticantes que estudaram as diversas possibilidades do origami e suas vertentes didáticas e culturais.

No Japão temos como principais origamistas os artistas: Akira Yoshizawa e Kunihiko Kasahara, nos Estados Unidos: George Rhoads e Giuseppe Baggi, na Argentina: Vicente Solorzano, na Espanha o escritor e filósofo Miguel de Unamuno, e na Alemanha o famoso pedagogo criador dos jardins de infância: Friedrich Froebel que considerava o papel um excelente recurso didático. No Brasil a introdução do origami deve-se aos colonizadores portugueses e europeus que vieram no intuito de direcionar uma educação para as famílias ricas da época. Porém só se teve um avanço cultural da prática do origami em 1908 com a imigração japonesa ao Brasil que trouxeram esse costume de dobrar papel que ainda hoje é passado de geração em geração (ASCHENBACH, FAZENDA, ELIAS, 2009).

Atualmente temos artistas, docentes, pessoas em geral que adotam a prática do origami como forma de ensino, outros apenas como um passatempo divertido do dia a dia.

1.3 Significados culturais do origami

Essa transformação do papel em figuras, formas, animais ou objetos traz consigo vários símbolos, significados, histórias e lendas, no Japão alguns modelos de origamis eram utilizados em cerimônias tais como funerais onde o origami era queimado como símbolo de “vá em paz e realize os seus desejos nas suas próximas vidas”, ou em rituais matrimoniais onde cédulas falsas de dinheiro dentro de envelopes de papel também eram incinerados para trazer sorte ao casal, além das garrafas de saquê que possuíam um origami na forma de mariposa para simbolizar os noivos. Assim como em outras culturas os animais recebem significados simbólicos, e na arte do origami o mesmo também se atrela, por exemplo: o sapo representa o amor e fertilidade, a tartaruga a longevidade, o Tsuru a boa sorte, felicidade e saúde (TOMMASI, 2010).

O Tsuru é considerado o símbolo do origami, se trata da representação de um grou que é uma ave comum do leste asiático, possui várias atribuições simbólicas, desde a boa sorte, saúde, longevidade e imortalidade, por mais que cientificamente nada disso esteja provado, a crença é passada de geração em geração e conhecida por vários povos, na Ásia é considerado o pássaro mais velho da terra e companheiro dos eremitas que faziam meditação nas montanhas na qual acreditavam que tal ave possuía poderes sobrenaturais para não envelhecer (CAÇADORES DE LENDAS, 2013).

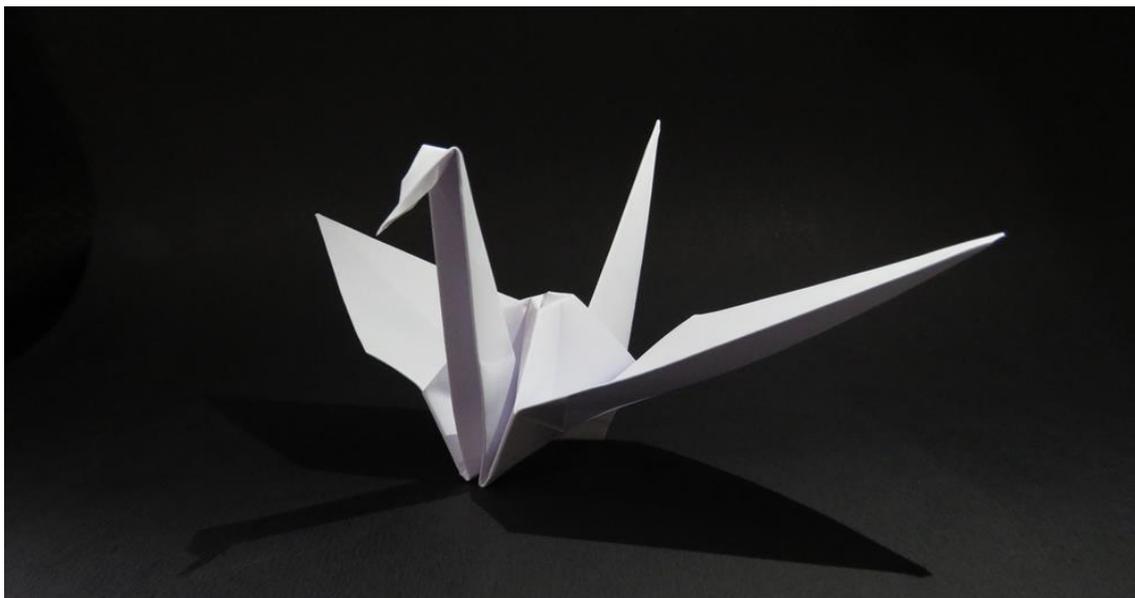
Abaixo a (Figura 1) traz a imagem de um grou, em seguida a (Figura 2) imagem do origami Tsuru:

Figura 1: Grou



Fonte: Hirafuji (2017)

Figura 2: Origami Tsuru



Fonte: O autor

O Tsuru está associado a uma famosa crença do Japão “A lenda dos mil Tsurus” onde diz que a pessoa que realizar mil tsurus utilizando a técnica de origami, tendo o mesmo desejo em mente, ao finalizar tal quantidade terá o seu desejo realizado. A lenda ficou bastante conhecida principalmente após o ano de 1945, graças a uma japonesa chamada Sadako Sasaki, que infelizmente teve uma história trágica (CAÇADORES DE LENDAS, 2013).

Sadako Sasaki nasceu em 1943, um período que foi marcado por um grande número de mortes, devido a segunda guerra mundial que foi um conflito entre vários países do mundo, onde o Japão também fazia parte, quando em 06 de agosto de 1945 a cidade de Hiroshima foi atacada pelo Estados Unidos da América com uma bomba atômica, esse ataque desencadeou milhares de mortes, e mesmo quem não morreu no momento da explosão, acabou desencadeando doenças, distúrbios, e síndromes devido a radiação nuclear que tinham os compostos da bomba. Sadako sobreviveu ao ataque, e viveu consideravelmente bem até os doze anos de idade quando foi diagnosticada com leucemia que é um câncer nas células sanguíneas, nesse período a doença era popularmente chamada de “doença da bomba atômica”, Sadako, precisou ser internada e no período de internamento se lembrou da lenda dos mil tsurus que conhecia devido ao tempo que passou na escola, Sadako então começou a fazer os tsurus de origamis, com o desejo em mente de paz ao

mundo, afinal foi através de uma guerra que a mesma acabou ficando doente, porem antes de terminar os mil tsurus sadako faleceu, alguns familiares e amigos que a visitavam no hospital perceberam o empenho e vontade da menina e entristecidos com a morte da garota, resolveram angariar fundos para a construção de um monumento em memória a ela e também para todas as crianças vítimas da guerra (Figura 3). Com o dinheiro arrecadado em prol do monumento, o mesmo foi erguido em 1958 em Hiroshima na Praça da Paz, com o título “Monumento das crianças à paz” (KAWANAMI, 2011).

Figura 3: Monumento das crianças à paz



Fonte: Hirafuji (2017)

O monumento feito de granito simboliza o Monte Horai que segundo os japoneses é um local místico que habitam os espíritos, já em seu cume está uma estátua de bronze representando a menina Sadako Sasaki e todas as crianças vítimas da guerra, e em seus braços abertos está um tsuru dourado simbolizando a paz. Além de uma inscrição gravada em pedra em frente ao

monumento, dizendo: “Este é o nosso grito, esta é a nossa oração, paz no mundo”. (CAÇADORES DE LENDAS, 2013; KAWANAMI, 2011).

O Tsuru é o símbolo mais forte dentre os origamis porém não é o único que possui lendas ou histórias por de trás, se tal conteúdo for levado para um ambiente educacional tais fatos, curiosidades e lendas podem servir como meio de informação para o educador e o educando.

O coelho feito de origami poderá ter informações básicas sobre o animal e suas curiosidades, por exemplo:

O coelho é um pequeno mamífero roedor, da família dos leporídeos. Existem várias raças domésticas, criadas em razão de sua carne, do pêlo e da pele. O Coelho selvagem mede cerca de 40 cm, tem pêlo denso e macio, vive em grupo e alimenta-se de ervas, raízes e sementes. As fêmeas chegam a parir seis ou sete vezes por ano, após uma gravidez de 30 dias, quando dão à luz 7 ou 8 filhotes sem pêlos e com olhos fechados (ZANELLI, 1992, p.02).

Curiosidades: Você viu, alguma vez, um coelho sair da cartola de um mágico? Certamente que sim, como já lhe aconteceu ouvir, sem mais nem menos, pessoas tacharem alguém, particularmente tímido ou covarde, de ‘coelho’ (e são, porventura, realmente covardes estes simpáticos roedores?). O que, entretanto talvez você não saiba é que ‘coelho’ é o nome dado nas galés, ao último banco em direção à proa, assim como é chamado de ‘coelheira’ o remador que se senta exatamente nesse banco (ZANELLI, 1992, p.02).

O coelho também traz como símbolo a fertilidade, devido aos seus numerosos filhos em um curto período de tempo. Ou seja, através do origami e seus significados culturais, históricos e simbólicos é possível transpor conteúdos significativos para o desenvolvimento intelectual de um indivíduo, pois abrangerá assuntos de várias áreas do conhecimento, gerando possibilidades de livre criação através das dobras ou por uma narrativa nela associada.

Por meio do origami várias ideias podem ser trabalhadas como: Formas, classificação segundo a medida dos lados, dos ângulos; Tamanho grande ou pequeno, reconhecimento de cores; Os fundamentos geométricos das dobras; Conceitos de matemática e vocabulário específico da geometria; Simetria – congruência – ângulos – frações – relação – proporção – medida; Análise de objetos 3D, relações de espaço; Explorar padrões e fazer conexões; Ilustração de eventos históricos, datas; Aprender como proteger e conservar a vida selvagem, dobrando um animal discutindo um tema; Interpretação de diagramas; Comunicação, leitura e compreensão; Dramaturgia ilustrada com peças; Conectar as crianças com matemática e ciência; Modelos para aerodinâmica, velocidade,

movimento e volume; Criatividade, imaginação, desafio, decoração; Sentir texturas diferentes, projetos de grupo; Precisão, sucessão e habilidade de organização; Concentração, memória, coordenação; Cooperação, paciência e socialização; Autoestima; Motiva crianças a mostrar peças para a família e amigos em uma (conexão casa/escola) (GENOVA, 2009 p.15).

Além dos seus significados culturais, o origami carrega conceitos de várias áreas do conhecimento, tornando-se assim um possível e útil veículo de comunicação entre o educador e o educando. O tópico a seguir traz artistas contemporâneos que são referências no uso do origami, revelando a estética de seus trabalhos como algo marcante na sociedade.

1.4 A estética artística do origami e seus artistas contemporâneos

A arte do origami possui diversas técnicas e formas de se o fazer, técnicas que vão muito além de uma simples dobra de papel e formas únicas que revelam a criatividade de transformação que uma pessoa pode realizar.

As três técnicas mais conhecidas são: A tradicional, que é composta unicamente por dobras que em sua maioria são vincadas manualmente e não possui nenhum outro tipo de procedimento como, por exemplo, recorte e colagem. A Modular na qual o origami é formado por vários pedaços de papel que são dobrados e posteriormente encaixados um ao outro formando assim o origami desejado. E a “Wet Folding” que em sua tradução é “dobra molhada”, a técnica consiste em umedecer o papel conforme se vai dobrando para que se consiga curvas, trazendo assim um maior realismo nos origamis realizados (LIMA, 2014).

Através de técnicas como essas alguns artistas contemporâneos se expressam e revelam em seus trabalhos a magnitude e beleza de um projeto realizado através do origami, tendo utilizado o mesmo como base, ou como forma pura em sua confecção.

Uma artista que trabalha principalmente com a estética do origami é a francesa Mademoiselle Maurice, nascida em 1984, atualmente com 34 anos, já realizou diversas exposições tanto em galerias como em murais de Street Art. Maurice é formada em Arquitetura e trabalhou em países como Suíça e a própria França, porém foi em sua viagem ao Japão, onde ficou durante um ano,

que se sensibilizou com algumas tragédias que ocorreram no país, tais como terremotos, tsunamis, e um acidente de usina nuclear, juntamente sobre o que conhecia sobre a lenda dos mil Tsurus e a história de Sadako Sasaki, começou a desenvolver trabalhos artísticos e urbanos atrelados a esses acontecimentos (MAURICE, 2018).

Conforme o autor, Mademoiselle Maurice traz em suas obras a utilização de cores bem vividas simbolizando a alegria e a vida de tudo que existe, fazendo com que gere um contraste bem nítido com os muros parisienses. Em uma das suas maiores obras, utilizou cerca de 15 mil origamis em uma parede de 140 metros de comprimento e 15 metros de altura, tal obra não se mostra efêmera apenas por conter origamis na qual a chuva ou o vento podem a descompor, mas também porque o prédio seria demolido em breve para dar espaço a uma construção mais atual, Maurice resolveu desenvolver seu trabalho nesse muro pois sabia que a demolição de tal prédio que viveu durante um bom tempo no cotidiano das pessoas que ali viviam, traria tristeza, sendo assim se pôs a fazer algo simbólico e memorável para os últimos dias da história daquele prédio (MAURICE, 2018).

A imagem abaixo (Figura 4) retrata o mural onde a artista utilizou de suporte para sua obra.

Figura 4: Mural de Origamis



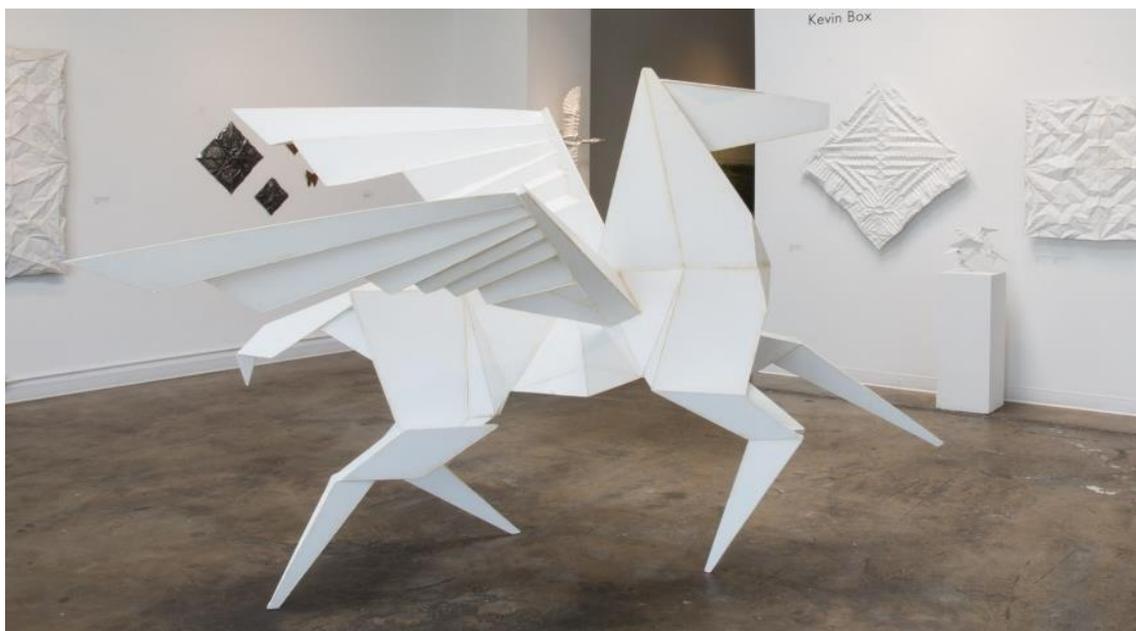
Fonte: <http://www.mademoisellemaurice.com/en/creations/un-mur-de-2000-m2/>

Já o artista, físico e engenheiro Robert J. Lang demonstra o seu talento através do origami utilizando princípios matemáticos de engenharia para formar peças complexas que possuem seu lado artístico e utilitário.

Americano nascido em Ohio em 1961, Lang está hoje com 57 anos de idade, e coleciona vários prêmios que recebeu durante a sua carreira tanto como engenheiro, como origamista, exímio no que faz, possui mais de 700 modelos de origami catalogados e diagramados. Já expos em vários países, sendo alguns deles França, Japão e Estados Unidos, seus origamis possuem uma conexão muito forte com a matemática, ciência e tecnologia, pois parte desde a confecção de um animal de origami, até airbags e telescópios espaciais expansíveis. Lang é associado a várias instituições de estudo reconhecidas mundialmente e já lançou mais de 20 livros além de artigos sobre aplicações do origami e suas possibilidades atreladas a ciência e tecnologia (LANG, 2018).

Um dos monumentos que Lang realizou denominado como Hero's Horse, utilizou como matéria prima o aço (Figura 5), sendo a representação de um cavalo feito de formas geométricas. Naturalmente já havia sido feito em uma escala menor um modelo em papel.

Figura 5: Hero's Horse



Fonte: <https://langorigami.com/artwork/heros-horse-6-monument/>

Um outro artista que também utiliza o origami como base para suas criações é o Inglês Umut Yamac, nascido em 1980, atualmente com 38 anos, é formado em Arquitetura e Design e desenvolveu algumas de suas peças através das dobras do papel. Yamac projetou uma luminária feita de papel, latão e aço em formato de um pássaro abstrato que se acende com um leve impulso (Figura 6), além da elegância da natureza na qual o artista se inspirou o pássaro é precisamente contrabalançado no poleiro, e pode ser posicionado em vários pontos revelando a leveza e harmonia das formas e materiais utilizados pelo artista. (YAMAC, 2018).

Figura 6: Luminárias de Origami



Fonte: <https://www.umutyamac.com/Perch-Light-for-Moooi>

Tendo em vista os artistas citados acima além de muitos outros espalhados pelo mundo, é possível perceber a prática do origami sendo peça fundamental de base para criações estéticas e funcionais, onde as percepções do ser humano podem ser aguçadas através da arte.

O homem é dotado de um dom impar, o ato de fazer, é um ser fazedor que se relaciona com múltiplos eventos que ocorrem dentro e fora de si, sejam sentimentos ou as cores que enxerga, os cheiros que consegue sentir, entre

outros estímulos que o meio proporciona, todos de maneira desorganizada, mas se consegue criar uma logica fazendo com que um faça sentido ao outro, e esse ato de dar um sentido logico para as coisas que se tem como referencia é compreender o meio, e compreender o meio lhe da possibilidades de criar ou transformar (OSTROWER, 2012).

A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo individuo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida. No individuo confrontam-se, por assim dizer, dois polos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura (OSTROWER, 2012, p. 05).

Nesse contexto, é importante levar tal conhecimento para sala de aula, para que se estimule o educando a ser um individuo que compreenda o meio em que vive e a si mesmo, para que consiga criar ou reinventar algo que gere outros estímulos para outros indivíduos. Ato que vemos nos artistas citados, pois os mesmos revelam ao meio social ideias e sensações.

O capítulo seguinte traz um relato de experiência que vivenciei em oficinas de origami e aulas de arte ministradas a crianças e adolescente, os assuntos tratados fazem referencias diretas a tudo mencionado nesse capitulo, a arte, a criatividade, o lúdico, a estética, o fazer, os conhecimentos gerais, e a nossa principal ferramenta abordada nesse trabalho, o Origami.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ORIGAMI APLICADO EM SALA DE AULA E OFICINAS

Neste capítulo relato a experiência vivenciada no uso do origami como instrumento didático em aulas e oficinas de Arte, com o intuito de trabalhar o ensino de outros conteúdos de maneira lúdica, levando ao educando aspectos práticos do origami, sua forma, seus símbolos e lendas, atrelados a conhecimentos gerais. A fim de estimular sua criatividade e aumentar o seu repertório de referências.

Um relato de experiência tem como intenção descrever a vivência do autor com o seu objeto de estudo tendo em vista a contribuição para sua área de atuação, levantando considerações e reflexões significativas sobre aquilo vivenciado em sua atividade.

2.1 Oficinas de Origami

Temos a oficina como uma proposta de ensino e aprendizagem que trabalha atividades práticas associadas ao saber, ou seja, a teoria e prática andam juntas com a mesma importância “[...] em uma oficina de ensino, as questões científicas e metodológicas são estudadas a partir da prática. Nas oficinas a primazia sempre é da ação, mas não se desmerece a teoria” (VIEIRA; VOLQUIND, 2002, p.12).

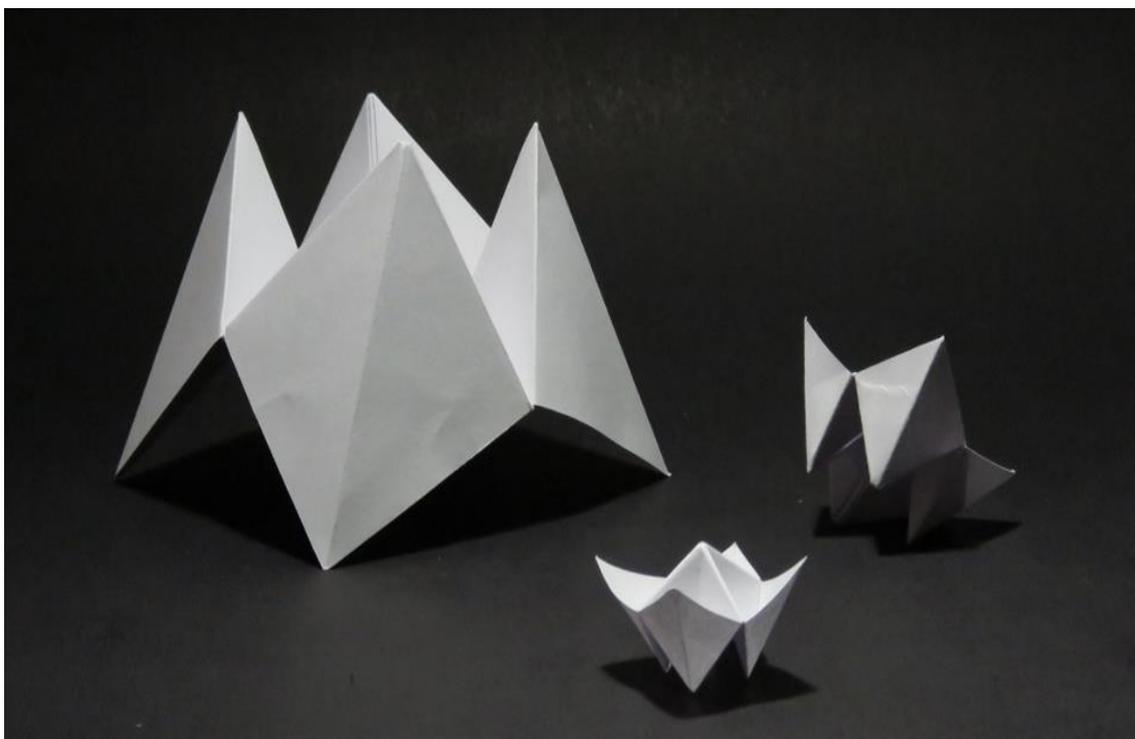
A oficina deve ser caracterizada por três atos principais que são eles o pensar, sentir e agir, sendo que, estando equilibrados promovem de maneira eficaz a assimilação de um conhecimento. Outro ponto relevante relacionado as oficinas são os recursos materiais que as oficinas demandam devido ao ato prático a ser realizado, porém mais importante que o material, é o modo que o educador o utilizará, pois é o responsável de criar esse diálogo entre a forma e o conteúdo (VIEIRA; VOLQUIND, 2002).

As oficinas de Arte que ministrei trabalharam o recurso didático origami, e foram aplicadas em um espaço de recreação infantil chamado “Fora da Casinha” que fica localizado na cidade de Jundiaí interior de São Paulo.

O “Fora da Casinha” é um espaço particular que disponibiliza para a sociedade serviços como a recreação infantil, locação para eventos e oficinas com temas variados, porém, o seu foco é a área infantil, tendo como objetivo disponibilizar para as crianças um local de brincadeiras e aprendizado, zelando principalmente pela ideia do brincar livre da criança para que ela possa se descobrir no ambiente e interagir com o mesmo. Sua estrutura física possui campo, piscina, diversos tipos de brinquedos, e é bem arborizado, levando a criança um contato direto com alguns meios naturais, tais como: terra, água, grama, pedra e frutas.

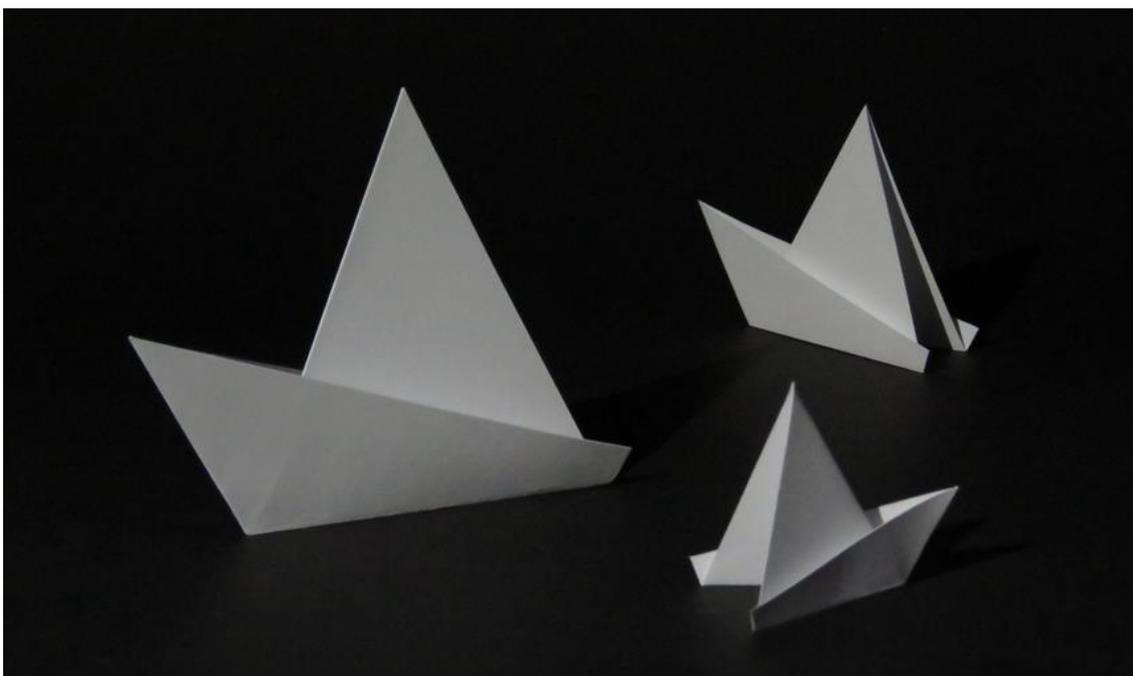
Foram três oficinas com duração de uma hora e meia cada, aplicadas no “Fora da Casinha” no primeiro semestre de 2018, para crianças de cinco a dez anos de idade. Devido a essa faixa etária, foram escolhidos origamis com dificuldade baixa para se produzir, sendo eles: O Come come, o Barco a vela, e o Cisne. As imagens (Figuras 7, 8 e 9) ilustram os três origamis citados.

Figura 7: Come come



Fonte: O autor

Figura 8: O Barco a vela



Fonte: O autor

Figura 9: O Cisne



Fonte: O autor

No início da oficina é questionado aos alunos o que eles acham que é possível fazer com papel, pergunta que se faz presente principalmente pelo

objetivo da primeira interação com o grupo e o educador. Como o papel já é de uso comum na escola, seja o caderno, o guardanapo ou o papel higiênico, sendo assim, os alunos interagem respondendo.

Em seguida é mostrado uma folha de sulfite branca tamanho A4, e questionado o que podemos fazer com ela, rasgá-la? Dobrá-la? Ou juntamente de um lápis desenhar ou escrever um texto? Perguntas que geram curiosidade e reflexões sobre o que se conhece de coisas feitas através do papel.

Na sequência, algumas perguntas sobre o como é feito o papel? Qual sua matéria prima? O que é matéria prima? Nas respostas de tais perguntas já vai relatando a história do papel, o porquê de terem criado, quando surgiu, como chegou em outros países, como é a cultura de cada país que esse conhecimento do papel chegou, o como ele foi principalmente utilizado, entre outras perguntas que podem ser aprofundadas devido a curiosidade do aluno ou a pré-disposição do educador.

A próxima etapa se baseia em apresentar um origami ao participante para que perceba visualmente o que é, e nessa apresentação é abordado o significado da palavra origami, em qual país ele é culturalmente mais valorizado, quais símbolos e valores ele pode representar, onde e como pode ser utilizado, e que principalmente o origami é feito apenas de dobras, ou seja, não se utiliza recorte ou colagem.

A partir dessa etapa o lúdico se insere nas ações.

O espírito lúdico expressa uma qualidade de transitar ou percorrer os modos – impossível, circunstancial, necessário e possível – do ser das coisas. Se falta o lúdico, pode ser que a ironia, o desinteresse, o ceticismo ou a violência ocupem seu lugar (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2007, p. 20).

O educador antes de iniciar a oficina confecciona três Kirigamis em formato de flor, diferente do origami o kirigami possui recortes, e este em especial possui a particularidade de quando colocado em superfície com água, se abre, assim representado na imagem abaixo (Figura 10) que revela o diagrama de montagem e aplicação de tal Kirigami, sendo elas: o desenho, o recorte, a dobradura, e aplicação na água.

Figura 10: Diagrama do Kirigami Flor



Fonte: O autor

Cada kirigami de flor possui um nome escrito dentro, na qual se refere aos origamis que serão realizados na oficina, esse procedimento é para nortear o andamento da oficina para que se comece do mais simples até o mais difícil dos origamis, e de uma maneira lúdica contasse a estória de uma flor que só se abre para crianças que praticam o bem. Nisso pode-se tratar valores como o bem o mal, qual atitude é considerada boa? Qual é ruim? Podendo trabalhar com os alunos conceitos éticos da sociedade em que ele faz parte.

Após a flor ter revelado o primeiro origami a ser realizado, é passado aos participantes algumas palavras chaves como “Vincar” e “Maleável”. Vincar é o ato de deslizar a unha ou algum objeto liso pela dobra realizada, e o maleável se refere ao deixar a dobra flexível a fim de garantir uma maior facilidade na confecção do origami.

2.1.1 O primeiro origami – O Come come

Inicia-se então a construção do primeiro origami, o “Come come”, pois possui dobras simples de serem realizadas, e assim como alguns outros origamis, esse trabalha noções de simetria, e articulação. Conforme vai se avançando nas dobras as formas geométricas vão aparecendo e se transformando em novas formas, e nesse momento o educador pode explorar conteúdos que apresentam tais assuntos, por exemplo, indagar a criança a procurar no espaço em que ela está tais formas geométricas, a fim de propor um conhecimento de formas sobre o meio em que se vive.

Ao finalizar o origami este pode se tornar um brinquedo da criança, esta atividade além de trabalhar vários conhecimentos, pode promover uma inquietação no imaginário infantil.

O brinquedo propõe um mundo imaginário da criança e do adulto, criador do objeto lúdico. No caso da criança, o imaginário varia conforme a idade: para o pré-escolar de 3 anos, está carregado de animismo; de 5 a 6 anos, integra predominantemente elementos da realidade (KISHIMOTO, 2000, p.19).

Torna-se importante começar a prática do origami a partir de formatos simples, não somente pelo fato do educando não estar habituado com tal prática, mas principalmente para que não se baixe sua autoestima sob a

confeção de um origami devido a uma possível dificuldade que demonstre incapacidade, então, cabe ao educador analisar e dosar tais etapas de dobra, para que se haja um aprendizado harmonioso.

O educador nesse processo se torna um mediador do conhecimento para o educando, e o origami uma ferramenta didática que pode estimular tanto a capacidade criativa do indivíduo, como suas funções motrizes e mentais.

Colocar a criança em situação de busca diante de uma tarefa global e, através disso, encontrar um modo-resposta por meio de ajustamentos progressivos, permitindo assim a descoberta de uma nova praxia. Uma praxia pode ser definida como um sistema de movimentos coordenados em função de um objetivo a ser atingido. (LE BOULCH, 1983, pág. 65).

O origami não é somente a prática da repetição de dobraduras até chegar a uma perfeição da forma, mas sim um ato de criação, de saber construir algo novo através de uma base, é ir além do que se espera.

No tópico seguinte o origami que ilustra o Barco a vela, abrindo possibilidades de viajar nos mares da imaginação.

2.1.2 O Barco a vela

O segundo origami confeccionado na oficina, possui poucas dobras, porém atribui-se a ele uma dificuldade intermediária, pois contém dobras angulares.

O Barco a Vela representado através do origami possui várias possibilidades de histórias, como a história de um navegador dos grandes mares, ou de um capitão que naufragou com o seu navio, ou de uma pessoa que viveu em uma ilha deserta, mas construiu um barco a vela para escapar de lá, Enfim, entre outras tantas histórias que o educador pode levar ao educando, além de conhecimentos básicos como: de que material pode ser feito um barco de verdade, onde o mesmo pode ser usado, por exemplo: nos rios, mares oceanos, quais modelos existem, tais como: Barco , Navio , Cruzeiro, Lancha, Veleiros, Botes, etc. e cuidados que se deve ter ao subir ou dirigir um.

Conseguir montar tal origami possibilita a criança a oportunidade de desenvolver, e expressar a sua capacidade criativa, isso porque não foi lhe

entregue um brinquedo pronto, mas sim a possibilidade de construir algo através das próprias mãos; atitude que gera na criança a autoconfiança, mostrando a si que é capaz de produzir algo para ela mesma (LOPES, 2000).

Brincar na areia, sentir o prazer de fazê-la escorrer pelas mãos, encher e esvaziar copinhos com areia requer a satisfação da manipulação do objeto. Já a construção de um barquinho exige não só a representação mental do objeto a ser construído, mas também a habilidade manual para operacionaliza-lo (KISHIMOTO, 2000, p.13).

Dessa maneira, a prática do origami se mostra como uma técnica capaz de estimular o desenvolvimento da autonomia da criança, fazendo dela um indivíduo criador.

2.1.3 O Cisne

A construção do terceiro origami ministrado na oficina foi o Cisne, que dentre os três origamis selecionados é o que possui maior dificuldade, pois envolve dobras angulares e retilíneas.

Nesse origami pode-se trabalhar conhecimentos específicos sobre os cisnes, como sua forma física, sendo um ave aquática de pescoço alongado, e pelugem que pode variar entre o branco e o preto, além de contos relacionados a esse tipo de animal como o do “Patinho feio” que é uma fábula infantil onde em meio de uma família de patos nasce um cisne, porem ele só é descoberto como cisne depois de seu crescimento, e nessa trajetória acontece cenas de preconceito sobre sua aparência. Nesse contexto o educador pode trabalhar valores morais e éticos com o educando, colocando o preconceito como algo a se refletir em sua sociedade atual.

Por esse origami possuir várias dobras em sua construção, conseqüentemente aparecem várias formas geométricas em seu contorno, tais conceitos geométricos se valem evidenciar, pois remete a outra matéria do currículo escolar, a Matemática, na qual se faz presente não somente na vida acadêmica do aluno, mas também em seu dia a dia (ASCHENBACH, FAZENDA, ELIAS, 2009).

Sendo assim o origami de Cisne se revela um portador de vários conhecimentos atrelados a si, podendo levar ao educando conhecimentos e valores significativos para o seu crescimento.

O tópico a seguir traz reflexões sobre as oficinas realizadas tendo como recurso o origami.

2.1.4 Reflexões sobre as oficinas ministradas

Em oficinas com crianças de cinco a dez anos, percebi que é preciso trazer de volta a criança que temos dentro da gente, pois criança entende o que o adulto diz, porém compreende muito melhor quando uma semelhante dialoga com a mesma. Isso ocorre porque muitas vezes se conversa formalmente com a criança, não dando espaço para uma conversa que tenha atributos imaginários.

Não importa o período ou época, criança gosta de brincar e faz isso com maestria, por isso entendo que o aprendizado do mundo real pode ser passado com mais eficácia através do lúdico, pois se trata de um ambiente inerente a criança, onde pode ser explorado através de vários elementos e linguagens, que nesse caso o origami se mostrou como ferramenta útil para tal didática.

2.2 A experiência em sala de aula

Nos anos 2017 e 2018 tive a oportunidade de lecionar aulas de arte nas escolas do município de Itatiba – São Paulo, onde coloquei em prática a arte e estética do origami com alunos dos oitavos e nonos anos.

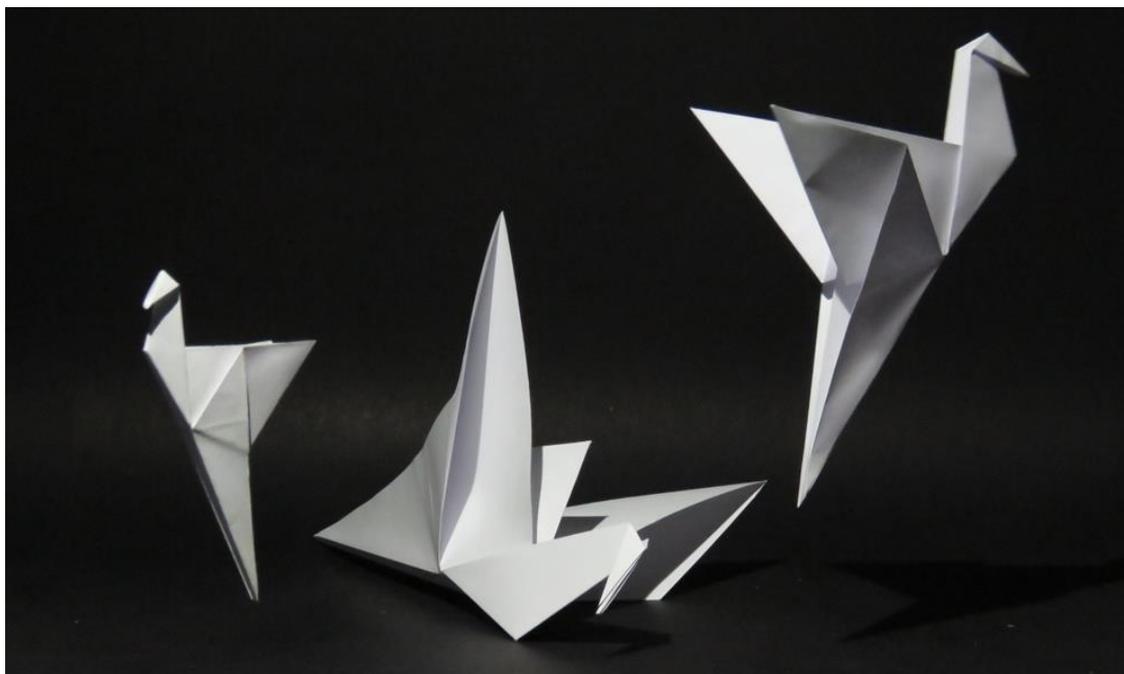
Os alunos possuíam entre 14 e 15 anos, e por esse motivo escolhi tal tema, pois os mesmos já tiveram vários conteúdos e atividades que trabalharam a coordenação motora, o lúdico, as formas geométricas, os conhecimentos gerais, entre outros. Sendo assim a arte estética do origami poderia levar o educando a uma experiência estética.

A experiência estética é aquela que sensibiliza, que emociona, não tem a ver necessariamente com o belo, com a contemplação de uma obra de arte com um estado de transe que supostamente traz inspiração para o artista executar sua obra. Experimentar algo

esteticamente supõe impregnar-se do mundo físico e social pelos sentidos (PASSOS; PEREIRA, 2011, p.25).

Os origamis propostos para confecção foram o Tsuru que possui símbolos interessantes de se ressaltar e suas etapas de dobras que estão em um nível intermediário de dificuldade; e o “Flapping Bird” (Figura 11) que se trata de um origami em formato de pássaro que possui a mobilidade de “bater asas” se flexionado.

Figura 11: Flapping Bird



Fonte: O autor

Ambos foram passados com o intuito de explorar a cultura e história do origami, atrelando-o a outras matérias do currículo escolar, mas com foco principal na experiência estética e criadora do indivíduo. Sendo colocado como exemplos, artistas que utilizaram o origami como fonte inspiradora na construção de suas obras. “[...] o origami, como proposta visual tem leveza, mobilidade, movimento e que suscitam no sujeito leituras e releituras, reflexões e possíveis sentidos” (BITTENCOURT, 2017, p.2).

Nessas aulas, assim que terminava as dobras podia-se colorir ou incrementar elementos no origami, tendo em vista uma maior expressão individual. Nesse período foi perceptível a dificuldade de alguns alunos sobre o

ato criativo, talvez porque lhe faltasse referências, ou por bloqueios ou mesmo distrações que impediam de colocar em prática aquilo que gostaria de realmente expressar, por isso vejo como importante atividade está passada, pois coloca em prática a criação, que infelizmente parece ser tão irrelevante em alguns ambientes escolares.

2.3 A experiência em uma oficina para professores

Em setembro de 2018, fui convidado pela Escola Municipal de Ensino Básico Philomena Salvia Zupardo, localizada na cidade de Itatiba –SP, para ministrar uma oficina de origami aos professores da escola em seu horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC).

A oficina foi realizada em apenas um encontro com duração de duas horas, onde procurei instrumentalizar os professores com o origami sendo uma ferramenta didática para ser utilizada com o educando, busquei mostrar a importância da dobra, os símbolos e valores que se pode construir através do origami, e como se pode trabalhar a interdisciplinaridade nesse assunto.

Conteúdos teóricos e referências artísticas foram passadas através de slides, e a parte prática foi a confecção dos origamis: Tsuru, Flapping Bird e Cisne.

Vejo como ponto positivo no decorrer da oficina a troca de informações e diálogos sobre a importância de se ter ferramentas que possam ser utilizadas em sala de aula para se alcançar uma didática capaz de transmitir o conhecimento para o educando de maneira efetiva. Além de uma reflexão sobre as práticas didáticas utilizadas atualmente “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p.39).

Sinto que no âmbito acadêmico é imprescindível a comunicação entre os professores e a própria escola, pois a troca de ideias e vivências agregam valores positivos tanto ao ouvinte como ao locutor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa monografia teve como eixo norteador a possibilidade de empregar o origami como ferramenta didática em aulas e oficinas de arte.

Através de um levantamento bibliográfico sobre o tema foi possível alinhar, defender e propor ideias que fizeram parte da vivência em sala e oficinas de arte, podendo assim formar um relato de experiência que descreveu tais etapas e a importância delas em um âmbito educacional, onde agregou positivamente aspectos profissionais e pessoais.

Sempre tive vontade de transformar algo em outro algo, e foi nas dobras da vida que me encontrei, o origami possibilitou a concretização dessa transformação.

Através da leitura de importantes referências sobre o assunto, de professores e da própria experiência em campo, pude perceber a importância de um instrumento que possa mediar uma ideia de um educador para o educando, e como tal método pode auxiliar na construção do conhecimento ou abrir caminhos para outras vertentes do ensino. FREIRE (1996, p.12) disse “[...] Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” E realmente, em uma atividade de artes, a estética e o conceito final é importante, porém o seu processo de construção se torna muito mais significativo para o indivíduo, seu processo criativo se torna mais essencial que o produto final, e criar a possibilidade para que isso ocorra é imprescindível para o educador.

O origami se torna um caminho de descobertas que deve ser desbravado pelo professor e aluno, encontrar possibilidades que agucem a criatividade, e a obtenção de conhecimentos de forma eficiente e prazerosa, afinal uma dobra pode trabalhar apenas a coordenação motora, mas quando atribuída a um contexto geral, pode tomar proporções amplas que impactam internamente um indivíduo, ou externamente a sociedade em que se faz parte, seja através de uma estética visual, ou pela ideia a ser passada.

Nas aulas e oficinas de arte que descrevi procurei evidenciar a necessidade de que o educador precisa ser flexível, pois o público nunca será

o mesmo, por mais que a idade induza a um pré-conceito de inteligência ou “carga de conhecimento” relacionada ao aluno, é necessária a adaptação para que se encontre um diálogo com o subjetivo de cada um.

Também foi perceptível que o origami, traz consigo muitas informações que podem ser exploradas de diversas maneiras, seja pelo lúdico ou pela teoria informativa, as suas dobras, formas, ou histórias, que podem proporcionar o conhecimento desde uma simples dobra de guardanapo, até a descompactação de um satélite no espaço, os métodos acerca do origami podem tomar medidas diferentes, devido a capacidade criativa do educador ou do educando, mas sempre levará consigo uma base de conhecimento na qual poderá criar aberturas para outros estudos.

O público de uma oficina de arte é variável, seja pelo intelecto ou pela faixa etária, sendo assim, foi perceptível a importância da didática diferenciada, afinal são indivíduos com maturidades diferentes, que enxergam o mundo de maneiras distintas, ou seja, a linguagem abordada em uma oficina para professores precisa ser planejada com mais técnica e seriedade comparada a uma oficina para crianças de cinco a dez anos, onde o lúdico deve ser enaltecido.

As considerações finais em um trabalho acadêmico se tornam necessárias, porém as reflexões que acercam essa experiência com o origami na arte educação sempre serão continuas, talvez, sem mesmo um ponto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCHENBACH, Lena; FAZENDA, Ivani; ELIAS, Marisa. **A arte magia das dobraduras**: histórias e atividades pedagógicas com origami, São Paulo: Scipione, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**: Realidade hoje e expectativas futuras. São Paulo, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010>. Acesso em: 27 setembro 2018.

BITTENCOURT, Marcelina. **Origami e o Inglês**: Uma experiência interdisciplinar e lúdica. Curitiba: Appris, 2017.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAÇADORES DE LENDAS. **A Lenda dos Mil Tsurus**. Disponível em: <<http://www.cacadoresdelendas.com.br/japao/a-lenda-dos-mil-tsurus/>> Acesso em 05/11/2018.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Metodologia do ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÊNOVA, Carlos. **Origami: a milenar arte das dobraduras**. São Paulo: Escrituras, 2001.

GÊNOVA, Carlos. **Origami: dobras, contas e encantos**. São Paulo: Escrituras, 2009.

HIRAFUJI, Claudia. **Grou: Conheça o valor simbólico dessa ave no Japão**. Disponível em: <<https://www.coisasdojapao.com/2017/03/grou-conheca-o-valor-simbolico-dessa-ave-no-japao/>> Acesso em: 22/11/2018.

KAWANAMI, Silvia. **História da Estátua das Crianças da Bomba Atômica**. Disponível em: <<https://www.japaoemfoco.com/historia-e-significado-do-monumento-da-paz-das-criancas/>> Acesso em 05/11/2018.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

LANG, Robert J. **About Robert J. Lang**. Disponível em: <<https://langorigami.com/>> Acesso em 07/11/2018.

LE BOULCH, Jean. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LIMA, Joelma Trindade de. **Origami – Além da Arte de Dobrar Papel**, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2014/2014 UFPR edespecial pdp joelma trindade de lima.pdf> Acesso em 05/11/2018.

LOPES, Maria da Glória. **Jogos na Educação: criar, fazer, jogar**. São Paulo: Cortez, 2000.

LOPES, Marcos Venícios de Oliveira. **Sobre Estudos de Casos e Relatos de Experiências**, 2012. Disponível em: <<http://projecteuclid.redalyc.org/articulo.oa?id=324027983001>> Acesso em: 22/11/2018.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Os Jogos e o Lúdico na Aprendizagem Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas S.A., 2007.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte**. São Paulo: FTD, 2010.

MAURICE, Mademoiselle **About me**. Disponível em: <<http://www.mademoisellemaurice.com/en/>> Acesso em: 07/11/2018.

OLIVEIRA, Jô; GERCEZ, Lucília. **Explicando a arte**: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA Rita Marisa Ribes. **Educação Experiência Estética**. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

Portal de Inverno. **Visitando Hiroshima, A Cidade Símbolo da Paz**. Disponível em: <<https://portaldeinverno.com.br/visitando-hiroshima-a-cidade-simbolo-da-paz/>> Acesso em 05/11/2018.

TOMMASI, Sônia Bufarah; MINUZZO, Luiza. **Origami em Educação e Arteterapia**. São Paulo: Paulinas, 2010.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND Léa. **Oficinas de Ensino? O quê? Por quê? Como?** Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

YAMAC, Umut. **About**. Disponível em: <<https://www.umutyamac.com/>> Acesso em: 07/11/2018.

ZAGONEL, Bernadete. **Metodologia do Ensino de Artes - Arte na Educação Escolar**. Curitiba: Ibpex, 2008.

ZANELLI, Candida Mascia. **Brincando com Dobradura: O Livro do Origami**. São Paulo: Paulinas, 1992.